

EVANGELHO, EVANGELIZAÇÃO E LIBERDADE

Parte I

José Comblin

1. EVANGELHO E ELITES SOCIAIS

O que é o evangelho para o mundo universitário? O que é o mundo inculturado? Afinal, estamos aqui no contexto de uma universidade e o evangelho também se dirige a eles, aos universitários. Eles são os Zaqueus dos tempos modernos, os jovens ricos dos tempos atuais, e no evangelho também há uma orientação específica para eles. Qual é esse evangelho?

Vivemos um contexto de decadência progressiva do modelo paroquial tradicional. Daqui a cem anos, haverá alguns restos, algumas sobras; mas todo mundo acaba dando seu aval e esse modelo vai ficando cada vez mais desacreditado, porque não consegue resistir à implantação da própria civilização ocidental que, atualmente, se impõe com tanta força. Em consequência, o catolicismo tradicional não é capaz de resistir, de agüentar. Inclusive outras religiões parecem mais fortes e, então, parece que o indivíduo tem mais capacidade de resistir a este salto de encontro a uma cultura e civilização nova, científica, tecnológica, individualista, etc.

No Japão, não há mais desemprego. No Brasil, há desemprego, e muito. Em quase todos os países católicos há

muito desemprego. E por que não no Japão? Porque é mais rico? Não. Porque o Japão dividiu a economia em dois setores. No setor para a exportação se pratica a competitividade, a produtividade máxima. Isso é 10% da economia. E o restante sacrifica a regra da competitividade, da produtividade, para salvar o camponês. Os japoneses pagam pelo arroz dez vezes mais do que pagariam se importassem do Vietnã; mas, como querem salvar a classe dos pequenos agricultores do Japão, preferem pagar mais caro pelo arroz.

No Brasil é o contrário. Decidiram sacrificar, no caso dos agricultores, os mais miseráveis. Então, a migração para a cidade foi crescendo. E nos serviços, vão eliminando a vez dos que podem menos. Quer dizer, os países católicos são os que menos praticam a solidariedade. São os países pagãos os que mais praticam o evangelho.

Não é a primeira vez que isto acontece. Isto nos deve levar a pensar, refletir e fazer atos penitenciais que não sejam simplesmente formais, como se faz nas nossas liturgias, em que se acusam todos os pecados, salvo os verdadeiros.

Parece que, na América Latina, as Igrejas são incapazes de impor uma barreira que iniba a entrada dessa nova cultura. Inclua-se, um segundo elemento: muitos e cada vez mais parecem aceitar o papel que esta civilização capitalista lhes reserva. Já faz mais de vinte anos que os teólogos do capitalismo, Michel Neubarth, Peter Berger e outros defenderam a tese de que, na civilização capitalista, há espaço para a religião, que há espaço para as igrejas. Mas que espaço?

É o espaço da terapia. O capitalismo vem satisfazer tantas tristezas, tantas formas de frustrações, que cria a necessidade de consumo, a necessidade de terapias. Com isso, fica aberto um espaço imenso e parece que o mundo está contente e satisfeito com isto. É uma civilização que refaz e retifica todas as terapias, porque a metade da civilização é neurótica. Porque são neurotizadas pelas necessidades da

luta, pela incerteza, pela competição. Enfim, por um mundo em cada um tem que lutar contra todos, em que não há mais solidariedade, em que ninguém pode contar com ninguém, apoiar-se em ninguém, como era antigamente na civilização judaica. Você chega na cidade, a solidariedade desaparece, cai totalmente, e aí é luta, cada um deve e paga, e se não triunfa, sente-se marginalizado.

No meio dessas inúmeras terapias que agora se propõem, basta visitar uma bienal ou uma exposição de livros e ver o que é que se publica, o que eles vendem: terapias de todos os tipos. Pode ser terapia pelos perfumes, pelas pedras, pelas estrelas, por toda uma série de ervas e plantas de todo tipo, de todos os aspectos psicológicos, que vêm de todas as fontes do mundo inteiro, algumas da China, da Índia... Qualquer lugar do mundo tem centenas e centenas de métodos de terapia. Entram aí também as tais religiões que têm um aspecto que de fato se dedicam a isto. Seria bom, uma coisa boa: terapia para pessoas que estão em estado de estresse. Mas não é propriamente o evangelho, nem a libertação. Quer dizer, a civilização dominante está restringindo perfeitamente o papel que se atribui à religião e aos de esquerda.

E agora, qual é o desafio para os cristãos neste mundo? Pois ele é para as pessoas que estão colocadas em primeiro lugar, nos lugares privilegiados, que têm possibilidade de conhecer, de saber. As nossas faculdades teriam a possibilidade de saber o que está acontecendo no Brasil. Vão ter que aprender para entender, para compreender isto. Porque estão totalmente desorientadas no momento de agir. Não dá para entender, mas o universitário, enquanto aluno de universidade pública, pode saber, portanto, deve saber, deve conhecer e, por isso, a responsabilidade que lhe cabe vem da posição privilegiada de, em querendo, poder saber. Claro que não basta a teoria das aulas dos professores, porque nem sempre estas aulas dos professores vão dizer outra coisa que não seja o discurso oficial, o discurso obrigatório. Mas, de

qualquer maneira, os universitários têm acesso a bibliotecas, à Internet, a muitas fontes de informação. Querendo saber, podem, têm condições. Por que não podem compreender o sistema e sentir a urgência? O sistema está mudando tanto, esvaziou completamente toda a tradição; progressivamente, desaparece tudo. Desaparece tudo o que havia de tradição, dos pobres. Tudo o que é solidariedade humana, tudo o que é gratuidade, tudo que é amor ao próximo, está sendo esvaziado. Porque há uma só obrigação, um só valor, que é a obrigação de ganhar dinheiro. E ganhar dinheiro o mais possível. A isso deve dedicar-se, a esta atividade santificadora dos tempos atuais. Dedicar-se ao deus que é o dinheiro, simbolizado em seus santuários, que são as bolsas de valores, e chegar a tê-lo, não pelo trabalho, mas através da bolsa de valores, da especulação. A atividade central é a especulação financeira. E quem está vivo, quem quer progredir, quem quer avançar na vida sabe que aí está o segredo, aí está o dinheiro, aí está a fortuna, aí está a possibilidade de crescer na vida e na sociedade. Está aí, na bolsa de valores, na especulação.

Alguns países chegaram a pensar que poderiam renunciar a toda produção, dedicar-se unicamente a formar uma nova cultura, na qual todo mundo se dedicasse ao dinheiro, à especulação, à multiplicação do dinheiro em função do dinheiro. Esse é o jogo deles. Esses estão instituindo a nova classe dirigente de todas as nações, aqueles que dirigem, divulgam os valores.

Por outro lado, é preciso saber qual o ponto de vista deles e se isto poderia ser compatível, isto é, se uma pessoa poderia dedicar sua existência a entrar nesta busca de dinheiro, cada vez mais dinheiro, e manter alguma sensibilidade cristã.

2. A REBELIÃO DAS NOVAS ELITES

Cada vez mais é assim e ninguém faz nada. Por quê? Por dinheiro. Até vinte anos atrás, a metade da humanidade trabalhava gratuitamente. Todas as mulheres trabalhavam gratuitamente. Todo trabalho não era pago, não recebiam nenhum dinheiro. Metade da humanidade podia manter uma sensibilidade cristã. É por isso que as mulheres permaneceram cristãs por muito mais tempo, porque o marido se dedicava ao deus dinheiro e a mulher dava a possibilidade ao Deus de Jesus Cristo, porque não buscavam o dinheiro. Toda a sua vida estava dedicada a não buscar dinheiro, a agir gratuitamente.

Mas, ultimamente, primeiro nos EUA, depois nos países do primeiro mundo, nas classes médias e nas classes superiores, as mulheres entram e se envolvem cada vez mais no sistema em que vale quem ganha dinheiro. Aí está a publicidade oferecendo todas as vantagens. O dinheiro nos permite satisfazer todos os desejos. E aí está o sistema publicitário. Às crianças com dois, três anos de idade, oferece-se um mundo de coisas agradáveis para satisfazer o desejo. O desejo se torna a regra, a norma. É preciso satisfazer os desejos. A publicidade está criando desejos novos. Não só vai ao encontro das vontades naturais, como vai multiplicando os desejos, para multiplicar as ofertas produzidas e, assim, fazer crescer o ritmo de circulação do dinheiro. Esta é a situação em que a civilização atual cada vez mais se encontra. E não pensemos que isto vai terminar em dez ou vinte anos, pois os dominadores criam condições de conduzir os valores para onde querem.

Até os sociólogos norte-americanos estão assustados. Assustados porque todos os valores tradicionais da nação norte-americana de per si desaparecem. Tudo o que era solidariedade humana tende a desaparecer.

E nasceu uma nova classe social. E já está bem

implantada aqui em São Paulo esta nova classe dirigente. Christopher Lasch, em seu livro "A Rebelião das Elites e a traição da democracia", afirma que as elites novas se negam a qualquer solidariedade. Não assumem nenhuma responsabilidade social. É a primeira vez que acontece, na história da humanidade, uma classe dirigente que se nega a assumir a responsabilidade pelo munus social de uma nação, de uma pátria e de uma sociedade. Os latifundiários antigos eram mais conscientes e mais responsáveis. Os atuais se dedicam à especulação financeira e assumem cada vez mais as gerências das empresas. Os donos das empresas estão cada vez mais expansionistas, vulneráveis e não têm muita influência. Quem determina é o executivo.

O salário dos executivos aumenta, cada vez, 10% em todos os países, qualquer que seja a situação. Se os salários dos empregados ficam iguais ou quase; se, como nos EUA, em quinze anos, o salário médio baixou 14%, não faz mal. Todos os anos, os executivos ganham aumento e tornam-se, assim, uma super-aristocracia. Nos EUA, 45% do produto nacional está nas mãos de 1% da população. O Brasil ainda vai conseguir chegar lá... Vai parar lá, não há dúvida. Porque a dinâmica está implantada. Uma super classe social que é celebrada por todos os Meios de Comunicação. Cada pessoa vale pelos milhões de dólares que possui. Os que têm apenas duzentos milhões são mais modestos. Mas, de qualquer maneira, é assim. Vejam bem: campeão de futebol, a cada ano ganha mais; apresentador de televisão, igualmente. Esses são os campeões apontados pelas elites.

Essa classe é cosmopolita, não se sente responsável pelos irmãos, vivem isoladamente, separados cada vez mais, edificando as Alphavilles, que são paraísos artificiais, separados do resto do mundo, onde alguém pode passar a vida toda sem saber que existem pobres no país. Essa pessoa viria a saber um dia porque, talvez por interesse, a televisão os mostrasse.

Mas, por medo, nunca verá uma pessoa pobre, nunca

verá um dos operários que trabalham em sua fábrica, nunca fará contato direto com um deles. Falamos de uma classe que não tem contato com ninguém, que se isola, que vive nos outeiros do mundo inteiro. Todos os que pertencem a ela são iguais. Voam de Hong Kong para Tóquio, de Tóquio para o Cairo, e para a China e nada os impede de passar alguns dias em São Paulo. São os donos do mundo e determinam os valores. Concentram em suas mãos todos os recursos. Sabemos que, daqui a pouco, o governo vai aumentar os impostos. Mas os únicos que não terão impostos aumentados serão os executivos. Essa classe dirigente não vai aceitar pagar impostos demais. Conseguiram, nos EUA, a redução drástica de seus impostos pelo presidente Reagan. E assim se mantêm. Não querem pagar impostos, porque não são solidários.

Os executivos têm a seguinte idéia: “Se existem pobres, não tenho nada a ver com isto. Se tem gente que está passando fome no Brasil, não tenho nada a ver com isto. Que eles façam como eu. Eu consegui um bom nível de vida. Façam como eu... porque não tenho nada a ver com isto!” Uma classe social que não tem nenhum sentimento de responsabilidade social, porque não aceita sacrifícios. Uma classe que reserva para si mesma uma porção cada vez maior do produto nacional, sem arrependimento, sem sentimento de culpa absolutamente. Os que pertencem a esta classe, consideram-se inocentes, totalmente isentos de pecado. Nem sabem o que é isto. E como não tem contato humano, jamais o saberão. Vivem no mundo dos computadores. São seres humanos que se conhecem pela Internet, jamais por contato direto, jamais por contato imediato.

E é esta a classe que impõe os seus valores, porque os transmite pela mídia; e a televisão, bem como os outros Meios de Comunicação, os oferece como referência. E isso cria tensões e medos na classe média que quer imitar o modo de viver da classe superior e não tem dinheiro suficiente para isto. Quer imitar, quer entrar e o dinheiro não dá. Além disso, o nível da classe média está abaixando progressivamente e isso

aumenta a angústia, porque quem pertence a ela não pode participar nos valores reconhecidos socialmente. Esta é a situação em que estamos.

E o que diz o evangelho? Na versão de Lucas, Zaqueu diz que vai dar a metade de seus bens aos pobres e devolver quatro vezes o que defraudou (Lc 19,8). E o jovem rico, o que ele tem a fazer (Lc 18,22)? E nesse momento de final de século XX, o que Jesus diz? Jesus diz que devemos buscar uma alternativa, outro modelo de sociedade, a partir do lugar em que estamos, com o que somos e com as capacidades que temos. Mas isso exige aceitar e definir uma situação de ruptura. Na verdade, exige tomar consciência da dinâmica social em que estamos e decididamente não cooptar este ritmo, não aceitar, mas buscar uma sociedade alternativa, de diversas maneiras, de inumeráveis maneiras.

Não vamos, agora, pensar que os partidos de oposição vão mudar a situação. Se o Lula fosse presidente, ele faria exatamente o que o Fernando Henrique está fazendo, porque não tem liberdade nenhuma. São os industriais quem impõem o conjunto de valores. O Lula seria prisioneiro de todas as forças culturais e econômicas que se lhe imporiam. Não é uma reforma política que vai resolver a curto prazo. O tempo da política virá mais tarde. Vai demorar dezenas de anos. Não é por este caminho. Porque o modelo que se implantou está tão forte que já foi assimilado até pelos mais pobres, os quais começam a venerar os ídolos do dinheiro. Os formadores das diversas culturas, que preferem confiar seus destinos a alguns desses homens muito ricos, ficam impressionados pelo modo de viver destes, e não percebem que este modo de viver tira deles (dos formadores das diversas culturas) a subsistência e a possibilidade de liberdade.

A classe política não vai criar um modelo alternativo. Esse modelo tem que ser primeiro vivido por grupos humanos que não querem o modelo dominante e procuram uma alternativa.

Não adianta fazer muito discurso. Hoje em dia, as palavras perderam todo o seu valor. Isso, porque a pesquisa é generalizada. É só observar o jornal. (Eu mesmo, assisto uma vez a cada três meses o Jornal Nacional da Globo, para não ser contaminado...) É pura mentira... Podemos até escolher... Durante dois anos, nós ouvimos que o Brasil está bem, que o governo tomou todas as medidas para evitar a crise e que nunca haverá crise séria no Brasil. Certo? É pura mentira... E muito bem elaborada, muito bem proposta e combinada. E os apresentadores tem uma inocência que parece tão grande... Podem informar e dar a impressão de que as notícias são sérias e que falam sinceramente. Mas é um jogo de mero sentimentalismo.

Isto acontece não só na televisão, mas no conjunto da imprensa que aí está. A linguagem não tem mais significado. Cada um diz o contrário daquilo que pensa. Quando alguém diz que vai fazer algo, podemos ter a certeza de ele que vai fazer o contrário. Daí, que se perdeu toda confiança na linguagem. Por que tanta indiferença do conjunto da população para com a campanha eleitoral? O povo se deu conta que tudo é mentira, que ninguém fala sinceramente, que ninguém diz realmente o que existe e o que vai fazer.

A classe executiva não vai ceder. Então, é preciso uma economia alternativa que possa dispensar os serviços dela e em que as empresas possam ser dirigidas pelos próprios empregados. Até nos EUA, os melhores críticos de hoje dizem: "É só o socialismo que pode mudar esta situação". Um socialismo baseado na responsabilidade e na competência dos próprios trabalhadores, que tomam conta de sua vida. Isso é bem possível. O obstáculo é a resistência da classe dominante. Mas, em síntese, é bem possível. Um bom exemplo é o de uma companhia aérea americana, a principal delas. Esta companhia aérea conta com novecentos aviões e é dirigida pelos próprios empregados, que dispensaram os executivos por causa da remuneração. Os próprios empregados é que vão escolhendo

os seus dirigentes, que pertencem ao mesmo mundo deles. E todas as empresas poderiam ser dirigidas pelos próprios empregados. Não estamos mais na época em que os empregados são analfabetos. Os empregados têm mais visão e mais conhecimento que os próprios executivos, que só se interessam pelo discurso que têm na memória, mas não sabem como as coisas são na realidade, como lidar com a realidade e nem levar em conta a realidade.

Hoje, 24 de setembro de 1998, na *Folha de S. Paulo*, até o diretor gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI) confessou que tinha cometido um erro na Ásia. Ora, ele devia estar na cadeia por ter errado, porque milhares e milhares de pessoas morreram por causa disto, milhares e centenas de milhares caíram na miséria por causa disto. Ele é um criminoso, muito mais culpado do que aquele que matou alguém na rua por aí. É um criminoso de grande gabarito. Mas não tem problema: ele não irá para a cadeia de jeito nenhum. Ele pode ficar sossegado que não lhe acontecerá nada. E se for, por ter faculdade, será recebido como um príncipe, embora seja um criminoso.

Um socialismo cooperativista em todos os ambientes, é isto que deve ser valorizado. Porque o tipo de empresa capitalista que nós temos somente serve para manter o sistema atual como está e acorrentar a solidariedade. E o primeiro desafio é refazer uma sociedade em que possa haver solidariedade, que está quase destruída. Ela somente subsistir em famílias opcionais, em vilas de pobres que se ajudam mutuamente. Mas, nas classes dirigentes e nas classes médias, a solidariedade quase desapareceu. Para os jovens é uma palavra sem conteúdo, porque não têm uma experiência vital dela.

Urge, portanto, reconstruir uma possibilidade de sociedade solidária, porque somente numa sociedade solidária pode haver liberdade. E a causa da liberdade só poderá crescer a partir de empresas solidárias, nas quais uns aos outros se

ajudam.

No sistema capitalista neoliberal, aquele em que a base da liberdade é a livre empresa, o mercado livre e assim por diante, mais da metade dos capitais investidos pelos países ricos, hoje em dia, vão para a China. A Boeing, por exemplo, manda construir muitas peças de avião na China. Por que na China? Porque, na China, as mulheres trabalham na fábrica e ganham menos de um dólar por dia. Exploração como na China não há em país nenhum. No entanto, as empresas capitalistas vão aos lugares onde as pessoas não têm nenhuma condição, nem mesmo para pensar, e não se perguntam quanto devem ganhar as operárias. Pagam aquilo que o governo impõe. O problema de como o operário consegue viver com tal salário não é da conta da empresa. Não há nenhuma solidariedade.

Cadê a liberdade? Cadê a promoção da liberdade?

Por outro lado, devemos atentar para o que aconteceu na Suécia, onde os trabalhadores conseguiram uma melhor situação social. Mas foram lutas e lutas, sem trégua. Só depois de lutas em que morreram milhares de trabalhadores é que se conseguiram condições melhores. Mas, hoje em dia, com as forças sociais desarticuladas, nenhum país consegue resistir muito. E o capitalismo mais selvagem investe contra os que não o enfrentam.

Em João Pessoa, na Paraíba, estão instaladas fábricas que saíram de São Paulo e do Rio Grande do Sul. São fábricas de roupas, de sapatos, etc. Foram para lá porque, no sul, elas têm que pagar ao operário três ou quatro salários e lá pagam somente um salário. Fica muito mais barato mandar a matéria prima para lá e trazer de volta o produto já acabado. No Nordeste, quem ganha um dólar, um real, um salário mínimo, fica feliz, porque teria um ordenado pior se não tivesse nada. A alternativa é nada. E nada por quê? Porque não se reúnem para partilhar da agricultura, porque não se enfrenta a seca de maneira eficiente. Um salário mínimo é mais do que suficiente,

e ninguém quer mais que isto. Estas são as empresas de São Paulo, do Rio Grande do Sul. Não é tão grave como na China. Lá estão bem piores, porque matam as pobres chinesas de excesso de trabalho.

Vê-se que é preciso procurar outra forma de empresa e encontrar um meio de construir alternativas. Grandes, se for possível; pequenas, se não for possível. É preciso buscar outras formas de trabalho em que exista solidariedade entre os trabalhadores. Esta é a primeira responsabilidade. E depois, além da comunidade de trabalho, reconstituir a vida comunitária.

Antigamente a comunidade era a família. Na família, havia sete, dez ou mais filhos. Eu conheço uma família com vinte e sete filhos... mas nenhum excluído.

Onde existe isto? Nas comunidades onde há famílias. Mas, hoje em dia, a família se desintegra, pelo menos as famílias jovens, e a comunidade de famílias tende a desaparecer. A família pequena, de quatro pessoas — pai, mãe e dois filhos — é o modelo dominante no sul. Ali, a vida familiar e comunitária não existe, porque cada um leva sua vida particular de forma própria e individual. Cada uma tem sua televisão, seu carro, seu computador, isto é, cada um tem própria sua vida. Então, cadê a família? A família desaparece porque tudo o que se lhe oferece no mercado é para o indivíduo, bens que respondem a desejos individuais. Não se lhe oferece nada que seja comunitário ou que leve à comunidade. Para isso, a publicidade não nem nada, não se produz nada. Tudo é feito para satisfazer desejos individuais.

E como podemos construir civilização humana simplesmente cristã, se não há vida comunitária? Pois a vida comunitária é aquela em cada um se põe a serviço dos outros, toma e presta serviços gratuitamente. No mundo de hoje, a gratuidade tende a desaparecer e, no entanto, não haverá gratuidade se não houver comunidades, se não houver lugares e situações em que as pessoas se sirvam mutuamente de modo gratuito. Assim agiram as gerações anteriores, que

guardaram os valores cristãos.

Mesmo para os de fora da comunidade o serviço era gratuito, bastava surgir uma necessidade. Hoje em dia, ainda existe isso, há várias iniciativas, mas falta muito.

Por que a gratuidade foi simplesmente abandonada? Por que a necessidade é grande e os recursos da família são insuficientes, ou por que as famílias foram seduzidas pelo sistema dominante, no qual quem não produz não ganha dinheiro, não presta, não tem valor nenhum?

No modelo dominante, se sacrifica o que é valor cristão. Por isso, precisamos criar, na sociedade, um modelo alternativo que possa convencer. Uma revolução no campo dos valores, atualmente, passa pela cabeça das pessoas. Se não se muda a mentalidade das pessoas, não vai acontecer nada de novo. As pessoas ficam inteiramente apegadas ao modelo capitalista e não há partido político que possa mudar. É preciso converter a mentalidade. E como? Somente pelo exemplo, mostrando o exemplo do líder que, no concreto da existência, mostra outra possibilidade de vida, que não seja satisfazer todos os desejos, que não seja entrar na dinâmica do consumo.

Toda criança sonha em conhecer a Disneylândia. Toda criança de São Paulo tem este desejo. Os pais precisam mandá-la para lá porque ela quer. A criança simplesmente entrou no esquema de consumo: tem que ver a Disneylândia. Os pais devem se sacrificar. Mas, um modelo alternativo de família, que rompa os laços do consumismo, que se negue a satisfazer todos os desejos e no qual se passe a valorizar o serviço prestado gratuitamente aos que estão mais necessitados, são poucos os que buscam e realizam. Por isso, ainda não temos um número suficiente de famílias que possa impulsionar a sociedade, mostrando que é possível viver de outro modo, que é possível estar neste mundo usando as tecnologias e os conhecimentos científicos a serviço dos mais necessitados. Para isso, consumiremos muitas iniciativas

durante dez, vinte, cinqüenta anos, talvez, para criar, progressivamente, outro tipo de sociedade.

Aquela que está aí, que é dominadora, que é terrível, não vai mudar por via política. E enquanto os EUA estiverem aí, como potência dominante do mundo, isso não vai mudar. A classe dirigente dos EUA, a famosa direita republicana, tem cada vez mais e cada vez mais quer implantar seu modelo no mundo inteiro. Enquanto essa situação persistir, nada vai mudar; e é preciso ter uma paciência muito longa para criar, dentro deste mesmo sistema, uma alternativa social, um outro modo de vivermos juntos, uma outra maneira de estar a serviço, sacrificando o próprio eu e disciplinando os próprios desejos. Afinal, todas as civilizações anteriores, todas as filosofias, todas as religiões, sempre ensinaram maneiras de disciplinar os desejos, de, com o tempo, limitar os desejos, para dar prioridade aos valores humanos superiores, que se resumem na solidariedade. Sempre foi assim.

3. O EVANGELHO CATIVO

Esta é a primeira civilização que, sistematicamente, cultiva os desejos. E a fatalidade quis que tivesse nascido em terras cristãs, no mais antigo sistema cristão e com o apoio e a aprovação de muitas igrejas cristãs. “Agora é tarde!”, como falava um teólogo presbiteriano dos EUA sobre o cativo do evangelho nos EUA. Cativo? Preso? Onde? No mundo suburbano das Alphavilles, nos condomínios residenciais. Aí encontramos igrejas católicas e evangélicas de todo os tipos. Aí se celebram missas, liturgias, batizados e outros sacramentos. Mas o evangelho não tem vez, não pode aparecer, não pode se expressar. Há espaço somente para gestos religiosos, piedade e lágrimas, inclusive. Mas, para o evangelho, não. Ele está

preso, prisioneiro. Este teólogo estadunidense dizia isso já há tempos atrás, referindo-se às áreas suburbanas de Massachusetts.

Atualmente, o fenômeno é tão generalizado, que o cativo do evangelho já se estendeu a inúmeras regiões e a todas as igrejas.

Eis o nosso desafio. Ele supõe que profissionais, comerciantes, empresários e uma juventude que vai se integrar à sociedade adotem e busquem outro modelo, que, por sua vez, supõe uma renúncia à satisfação na busca dos bens. Isto é difícil, porque a civilização atual impõe o seu estilo. Por exemplo, se um amigo quer ser gentil com outro e lhe serve um uísque nacional, fica definitivamente desprestigiado. “Logo se vê que não é dos nossos”. Para manter um nível de vida, torna-se condenado a um conformismo, o conformismo da classe dominante, que é tal, que não só o evangelho é cativo, mas os próprios membros dela o são, não têm mais liberdade nenhuma, têm que fazer tudo o que as modas impõem em seu poder social. E os mais exigentes são as crianças, que voltam da escola dizendo: “Meu amigo ganhou tal coisa... Ele viajar viajar para a Europa... Eu também quero! Ele vai fazer um safari na África do Sul... Eu também quero!”. As crianças são as que mais exigem, são as mais conformadas ao sistema. Quanto às crianças, é fácil explicar, porque buscam imitar o modelo do mais forte. Mas os adultos precisam criar coragem para resistir ao que lhes é imposto. Esse é o evangelho para este mundo universitário: ruptura com o modelo dominante e busca de outro modelo, em que se pratique uma vida comunitária.

Há muitas maneiras possíveis de viver na mesma casa, mas vida em comum significa colocar os serviços em comum, colocar as próprias capacidades e os próprios talentos a serviço dos mais necessitados. O que se gasta em coisas supérfluas, no puro conformismo, poderia ser gasto no serviço aos mais necessitados. Aí se dirá: “Esse evangelho é muito duro!” Não é mais duro do que aquele que Jesus disse ao jovem

rico. Não há possibilidade de viver o evangelho, a não ser sob esta condição. O resto é terapia, ficção de vida evangélica.

Construir um modelo novo de sociedade, no meio de uma sociedade grande, que prega exatamente o contrário, faz com que nos sintamos alheios, alienados. É interessante observar que os crentes aceitam renunciar a tudo aquilo que faz a vida social de seu ambiente: a cachaça, as mulheres, o jogo, as drogas. Renunciam e resistem. E por isso, são considerados tanto melhores pelos outros. Usam roupas do século passado, mas resistem. Eles tem mais coragem e resistem.

E então? Pessoas com formação universitária não podem resistir, não podem ser fiéis a um modelo de vida decidido por elas mesmas? Um modelo mal considerado, mal apreciado, desacreditado pelos outros. Mas, o que importa? Só assim podemos dizer: "Esta vida que escolhemos vale mais do que aquela da qual tinha me tornado escravo!" Escravo do próprio modo de viver, sem mais possibilidades de escolher, de definir, nem de pensar. Pois os universitários devem pensar.

No entanto, cada dia somos obrigados a escutar o que diz a televisão, o que ela quer nos inculcar. Até ontem, por exemplo, podia-se dizer: "Não! Não haverá novos impostos no Brasil, porque assim afirmou Fernando Henrique Cardoso". Hoje, porém, ele diz que todo mundo tem que mudar este pensamento, isto é, conformar-se ao perjúrio da classe dirigente. Todo mundo de ser conformista seguir a dica obrigatória, olhando para o chefe, olhando para o dirigente, que nos diz o que temos que pensar hoje, o que temos que pensar até amanhã, pois amanhã pode ser que devamos mudar.

4. EVANGELHO E RUPTURA

Ora, para ser cristão é preciso romper. Romper,

buscar algo novo com outros que tenham este mesmo pensamento. E isso precisa começar desde a vida universitária. Há vinte e cinco anos atrás, os jovens estudantes mais comprometidos entravam na política, inclusive na política de luta. Hoje em dia, não o fazem porque pensam que ali não vão conseguir nada, porque o problema é muito mais profundo, muito mais sério e muito mais acentuado. Trata-se de refazer uma vida nova, uma sociedade diferente, em que as pessoas se importem mais com os outros.

O desafio é grande. É grande, se quisermos mudar e viver segundo o evangelho. É claro que é grande. Durante muito tempo, seremos uma minoria; mas os primeiros cristãos foram minoria até Constantino. Isso durou trezentos anos, mas eles desafiaram todo o sistema romano, todo o sistema de cultura e de escravidão. Durante trezentos anos, como uma força permanente de contestação. Algo semelhante deve acontecer, porque a cristandade morreu. Alguns podem pensar que ainda sobrevive, mas está morta, não tem mais forças para lutar contra a civilização, nem deseja lutar contra a sociedade. Morreu. Somente subsiste para complicar a vida de comunhão. Essas liturgias, que não são uma alternativa para a sociedade, são como um cadáver, uma coisa morta.

Há, no entanto, vida em alguns grupos. Só que são a minoria. No futuro, eles serão uma alternativa. São a minoria, mas vão vencer e reorganizar a sociedade, pela sua própria resistência, pela sua teimosia, pela sua perseverança, pela superioridade de vida que isso constitui. Mostrarão que viver a solidariedade e o serviço constitui uma vida superior àquela de puros desejos e satisfações que se oferece e que se mostra nos modelos atuais. Mostrarão que a solidariedade vale muito mais e está ao alcance de todos. Em um mundo cristão, todos podem participar e jamais serão humilhados.

Quando isto acontecerá? Não sabemos, mas será a tarefa do terceiro milênio. Porque o segundo, com seu modelo de cristandade, morreu. Eu sentia isto já há cinquenta anos

atrás. Ordenei-me sacerdote e comecei a conhecer um pouco mais o ritmo das paróquias e assim por diante. Fiquei desesperado! Era visível que tudo isto estava em agonia, estava morrendo. Hoje em dia, esta agonia é vista na Europa. Quem vai visitar as catedrais? Os turistas! Não há mais nenhum cristão para freqüentar as catedrais, só turistas. Morreu, a Igreja morreu. Mantém uma fachada bonita na frente dos homens, porque as pessoas não se inspiram mais no evangelho da vida. Eu disse a mim mesmo: não vou passar a vida toda no meio de agonizantes, vou procurar outro lugar para ver se é diferente. Mas, hoje em dia, sente-se que as forças da civilização dominante está se implantando com tanta energia, que nós ficamos desconcertados.

Uma boa parte das pessoas que se sacrificou muito durante a época política dos anos sessenta e setenta desanimou e perdeu a confiança e se converteu ao capitalismo dominante da sociedade. E isso é o pior.

O desafio de iniciar um terceiro milênio diferente ficou para os jovens de hoje. No segundo milênio, o grande erro foi pensar que iríamos cristianizar o mundo caso fizéssemos alianças com alguns dirigentes, pensando que o futuro da Igreja consistia em reconquistar uma aliança com a classe dominante. Esse foi um erro colossal. As outras igrejas fizeram a mesma coisa.

Ao final do século XX, as coisas estão muito mais claras. A evolução da sociedade e a evolução do cristianismo estão, agora, muito mais claras. Por isso, os desafios também aparecerão muito mais claramente. E o desafio maior é este: formar uma sociedade diferente.

Claro que, para assumi-lo, é preciso ter uma personalidade forte, uma convicção forte, a fim de ser diferente do modelo dominante, do modelo dos mesmos consumos, dos mesmos carros, dos mesmos uísques, dos mesmos turismos. Enfim, é necessário uma casta inteligente, que viva de outra

forma. Para romper, é preciso ter convicção, e isto é a conversão. É a conversão para ser vivida nesta época. Porque é entre os vinte e vinte e cinco anos de idade que a personalidade se define, ou seja, define se vai seguir o modelo dominante ou se vai buscar alternativas. A época da universidade é crucial, porque é nela que se tomam as grandes decisões. Depois dela, cada um vai lutar, ao longo de toda a vida, para realizar, pelo menos, alguma coisa desta decisão, desta realidade fundamental. Eis a tarefa das universidades: confrontar toda essa juventude com os desafios que está vivendo. E se a universidade católica vai oferecer o evangelho, não obriga ninguém. A Igreja não tem mais poder para forçar tal opção. O que ela pode fazer é oferecer uma alternativa, oferecer um espírito.

Eu disse que este desafio supõe personalidades fortes, e isto falta muito na Igreja. Ela deveria ser uma espaço para formar, fortalecer, converter personalidades e torná-las capazes de assumirem este desafio. Muitos movimentos atuais entram mais na categoria de terapia e não se deixam questionar pela questão comunitária. Quando isso acontece, não tem jeito. É preciso formar personalidades firmes, fortes, capazes de resistir e de agir como os discípulos de Jesus Cristo, que não se deixaram envolver e absorver pela sociedade dominante. Isto acontece em alguns lugares, mas ainda falta muito. Esta é uma tarefa específica para os agentes de pastoral que estão, no momento, mais envolvidos com homens e mulheres desta faixa de idade, entre vinte e vinte e cinco anos. Estes jovens são os que vão tomar a decisão, os que vão poder buscar outra coisa, uma alternativa. A tarefa fundamental consiste em estimular, despertar e evangelizar para que concentrem suas energias neste desafio.

No Brasil, há cerca de um milhão e trezentos mil universitários. É um contingente vasto, grande. No entanto, as forças pastorais dedicadas a ele são bem poucas. A prioridade não deve ser continuar esta Igreja que está aí, porque ela já morreu. No mínimo está condenada, virtualmente condenada,

porque cada ano há menos gente que cuida dela. A prioridade deve ser aqueles que vão criar e implantar uma sociedade nova. Esta deve ser a primeira prioridade. Para quem se prepara para o sacerdócio, acho que esta é uma prioridade absoluta.

Claro que os seminaristas estudantes de teologia têm um complexo de inferioridade muito grande face aos outros universitários, estudantes de medicina, de direito, etc. Complexo reforçado pelo sistema. Sistema feito para criar complexos, para preparar pessoas tímidas, medrosas, que vão permanecer em um mundo no qual não há perigo nenhum. Serão bem acolhidas, bem recebidas. Tudo garante que ficarão num segundo paraíso. E têm medo de sair daquele mundo que as acolhe favoravelmente, onde não existem problemas, mas também não há nada para se fazer. Essas pessoas não vão mudar, e têm medo de se aproximar uns dos outros. A formação sacerdotal não foi para a coragem. Apesar de sentir reservas em se aproximar de um estudante de medicina, sente-se indiferente. Mas isso não deve ser motivo para não se aproximar, porque esse estudante de medicina não é só um estudante de medicina, é também uma pessoa humana, é também um membro da sociedade, que se qualifica.

Eis a prioridade. Hoje em dia, 8% dos jovens está na universidade; mas, daqui a vinte e cinco anos, será 20%, porque a política consiste em multiplicar as universidades, em multiplicar a formação universitária. O que importa para o governo é formar uma população com 1/3 de universitários. Os outros 2/3, ninguém se importa com eles. Afinal, essa é a política da classe dominante.

E qual é o evangelho que esperamos dar a eles? Com qual evangelho assumem a vida? Se é que o evangelho tem lugar, ao invés de uma simples terapia, que é uma coisa boa quando se está com estresse. Para quem está neurótico, há sempre uma terapia. Mas, não é essa a função principal do evangelho, e sim preparar uma geração nova que possa preparar uma sociedade nova.

Sabemos que estamos no início de um processo muito demorado, muito difícil. Mas quem está no início tem a vantagem de ser também fundador, de ser mais criador. O preço é o sentimento de isolamento,* de ser rejeitado; mas, por outro lado, o orgulho de ser criador, de ser formador, de lançar colunas novas, de lançar sementes de uma sociedade nova. É a graça que lhes posso desejar.

